

# «Hominis sapientia pietas est» Santo Agostinho e a conversão da *pietas*

ISIDRO PEREIRA LAMELAS\*

«*Pius enim a pietate*»

(AGOSTINHO, *In Iohannis Evangelium tractatus*, 39,7).

«*Pietas quoque proprie Dei cultus intellegi solet,  
quam graeci εὐσέβεια vocant*»

(AGOSTINHO, *De civitate Dei*, X,1,3).

«Exercitai-vos na piedade, isto é,  
numa fé pura e numa vida reta, pois nisto consiste a piedade»

(Γύμναζε δε σεαυτὸν πρὸς εὐσέβειαν, τουτέστι, πρὸς  
πίστιν καθαρὰν καὶ βίον ὀρθόν· τοῦτο γάρ ἐστιν εὐσέβεια).

(JOÃO CRISÓSTOMO, *In I Tim. Hom. XII*,2).

## Introdução

*Nomen est omen*, costumavam dizer os antigos. Inspirados nessa expressão proverbial que parece confirmar-se realmente na pessoa do Professor Pio Alves de Sousa, pretendemos, nesta nótila de homenagem a ele dedicada, visitar a vetustíssima *pietas*, valor basilar da cultura antiga que o cristianismo retomou e “converteu”. Neste processo de conversão cultural, Santo Agostinho teve, mais

---

\* Faculdade de Teologia – Universidade Católica Portuguesa (Lisboa).

uma vez, um papel determinante. Razão pela qual será este Padre da Igreja a guiar-nos no caminho de passagem da *pietas* grega e romana à piedade cristã.

Ovídio já apresenta Eneias como *auctor pietatis*<sup>1</sup>, na medida em que se submeteu exemplarmente à missão histórica imposta pelos deuses. Segundo este modelo, o homem *pious* é aquele que obedece à vontade divina. Quatro séculos depois de Ovídio, um cristão, Cromácio de Aquileia, proclama Jesus Cristo como *auctor pietatis*<sup>2</sup>. Este é, desde já, um indício claro de como a *pietas* se tornou ponto de encontro entre o humanismo clássico e a fé cristã. Assim, Ambrósio, bispo de Milão, que conhecia muito bem a cultura clássica, adata a noção ciceroniana de *pietas* ao público cristão a quem se dirige quando escreve: «Iustitia autem pietas est prima in Deum, secunda in patriam, tertia in parentes, item in omnes: quae et ipsa secundum naturae est magisterium»<sup>3</sup>.

Por outro lado, se é evidente que os autores cristãos retomaram a noção greco-romana de *pietas*, também é claro que não a receberam servilmente. É signifi cativo que o já citado Ambrósio coloque a *religio* acima da *pietas*: «*Religio enim praest pietas officiis*»<sup>4</sup>. De fato, à luz de Mt 10,37 (*qui amat patrem aut matrem plures quam me, non est me dignus*)<sup>5</sup>, a piedade de Eneias tende, em âmbito cristão, a ser ultrapassada pela *vera pietas* identificada com a *vera religio*. A partir de agora, muitas vezes a *pietas in Deum* implicará o *odium in suos*<sup>6</sup>. Estamos assim perante um novo conceito de *pietas* em continuidade e ruptura com o modelo de Eneias, tendendo a aproximar-se mais da *caritas*.

Agostinho, na *Cidade de Deus*, depois de falar do destino da *civitas impiorum* (livro XXI), no livro final fala da *civitas piorum* onde responde à questão que colocara no livro IV (23): *Nam quo modo ibi esset vera felicitas, ubi vera non erat pietas?* Segundo o hiponense, a *pietas* pagã não assegurava a verdadeira *felicitas*, precisamente porque não era “verdadeira”.

Neste modesto tributo ao nosso ilustre homenageado propomo-nos mostrar como Agostinho acolheu e converteu a *pietas* pagã em *pietas vera*.

Para isso, começaremos por fazer um breve excurso pela semântica de *pietas*, sem pretendermos refazer toda a história deste conceito, nem tão pouco aprofundar todos os aspetos e nuances que a sua rica evolução histórica foi

<sup>1</sup> OVÍDIO, *Fasti*, 2,543: «Aeneas, pietatis idoneus auctor, attulit in terras, Juste Latine, tuas».

<sup>2</sup> CROMÁCIO, *Sermo* 11,1.9.

<sup>3</sup> AMBRÓSIO, *De officiis*, I,27,127.

<sup>4</sup> AMBRÓSIO, *Expositio in Evangelii secundum Lucam*, 7,146.

<sup>5</sup> Cf. AGOSTINHO, *Sermo* 72 a 4; *Sermo* 100,1,2. Agostinho, na sua pregação ao povo, critica, muitas vezes o excessivo apego às riquezas a pretexto da piedade para com os filhos, transformando-se a *pietas* em *vanitas*. Neste contexto, aconselha a *pietas cum sufficientia*. Cf. *Sermo* 60; 77 B; 85,3; *De civitate Dei*, I,10.

<sup>6</sup> JERÓNIMO, *In Matheum*, I, 8.

registando<sup>7</sup>. Queremos apenas, com o exemplo deste conceito crucial da história das ideias, mostrar como o cristianismo se serviu positivamente das ideias fortes do mundo antigo, “convertendo-as” à luz da *novitas* cristã.

### Εὐσεβής-Εὐσέβεια

O primeiro preceito da religião grega mandava “honrar os deuses”<sup>8</sup>. Essa honra devida à divindade e expressa mormente através do culto era, contudo, apenas um dos aspetos da “piedade” que, sobretudo a partir de Sólon, se diz com o termo εὐσέβεια<sup>9</sup>. Com este vocábulo os gregos exprimiam o espírito de devoção e o dever de honestidade em relação à divindade, mas não só.

O conceito εὐσέβεις / εὐσέβεια aparece frequentemente associado ao que é “justo” (δική) e digno ou santo (ὅσιος)<sup>10</sup>. É em nome da “piedade” que Antígona, obedecendo às “leis não escritas e imutáveis dos deuses”, sepulta “o filho de sua mãe”, tornando-se um modelo de piedade<sup>11</sup>. Tucídides, no século V a. C., apresenta-nos já o herói Nicias como *exemplum* de homem piedoso: «Durante a minha vida mostrei-me fiel observante das normas estabelecias em relação aos deuses, e em relação aos homens mostrei-me sempre justo e irrepreensível»<sup>12</sup>. Esta dupla vertente da justiça para com os deuses e os homens será uma constante na posterior evolução da *eusebeia*. O homem piedoso é aquele que assume os seus deveres para com a divindade, mas também e contemporaneamente se sabe obrigado à generosidade para com os seus concidadãos<sup>13</sup>.

O valor desta virtude está bem patente no diálogo que Platão lhe dedica no qual coloca na boca de Eutifrão, que representa a opinião popular, esta declaração: «pio e santo seria o que diz respeito ao culto dos deuses» (εὐσεβῆ καὶ ὅσια... τὸ περὶ τῆν τῶν θεῶν θεραπείαν)<sup>14</sup>. E, logo a seguir, explica o conceito nestes termos: «quando se sabe, ao rezar ou sacrificar, dizer e fazer coisas que agradam aos deuses, estas são santas (ὅσια) e asseguram a salvação às famílias e

<sup>7</sup> Percurso, de resto, já feito por outros. Cf. JAMES D. GARRISON, *Pietas from Vergil to Dryden*, Pennsylvania, 1992.

<sup>8</sup> Cf. J. D. MIKALSON, *Honor thy Gods. Popular Religion in Greek Tragedy*, North Carolina 1991, 183-185.

<sup>9</sup> Cf. L. B. ZAIDMAN, *Le commerce des dieux. Eusebeia, essai sur la piété en Grèce ancienne*, Paris 2001, 105, e todo o capítulo II: «Naissance d'eusebeia», pp. 97-171.

<sup>10</sup> L. B. ZAIDMAN, *Le commerce des dieux*, 109, 111-112, 157-161.

<sup>11</sup> Cf. SÓFOCLES, *Antígona*, 449-452, 924.

<sup>12</sup> TUCÍDIDES, *História da guerra do Peloponeso*, VII, 77.

<sup>13</sup> L. B. ZAIDMAN, *Le commerce des dieux*, 136-137.

<sup>14</sup> PLATÃO, *Eutífron*, 12e.

instituições da cidade»<sup>15</sup>. Como vemos, santidade (ὁσιότης) é um dos sinónimos de *eusebéia*, pelo menos quando se trata de pessoas<sup>16</sup>.

No período helenístico a εὐσέβεια vê-se enriquecida com novas nuances que se desenvolvem à volta dessa dupla exigência de deveres face aos deuses e para com os familiares<sup>17</sup>. Com o tempo, porém, o termo foi-se ligando mais ao campo religioso: a εὐσέβεια tende assim a referir-se sobretudo aos deuses, santuários de culto ou aos mortos<sup>18</sup>.

Esta era, de fato, a noção popular e dominante segundo a qual a εὐσέβεια consiste no reto exercício da religião, isto é, no cumprimento das normas e atos devidos aos deuses<sup>19</sup>. Esta justa veneração dos deuses não se restringe, de qualquer modo, ao culto exterior ou cumprimento irrepreensível dos rituais, mas implica ainda uma atitude interior conforme aos gestos externos<sup>20</sup>.

Ἦστι γὰρ εὐσέβεια ἐπιστήμη θεῶν θεραπείας<sup>21</sup>, assim definiam os estoicos a εὐσέβεια. Clemente Alexandrino e os autores cristãos em geral retomam esta noção<sup>22</sup>, como no-lo confirmam os textos de Agostinho<sup>23</sup>. O “serviço de Deus” é, contudo, entendido de forma diversa da parte dos cristãos. Como recorda um destes, «o sacrifício que agrada a Deus consiste na superação das paixões. Esta é a verdadeira piedade (ἀληθῆς θεοσέβεια)»<sup>24</sup>.

No período helenístico-romano, assiste-se a uma desvalorização da religiosidade ritual popular, para se acentuar a dimensão interior da εὐσέβεια que, muito embora mantendo a semântica tradicional, tende agora a traduzir mais marcadamente os comportamentos de respeito e reverência para com os pais, os parentes em geral ou o imperador. Εὐσεβής é aquele que mantém uma reta noção da divindade e uma atitude respeitosa para com os seus “maiores”. Por isso, Epíteto pode afirmar que «o bom filósofo é o homem pio»<sup>25</sup>. Este, de fato, longe de cultivar uma visão supersticiosa da divindade, mantém com ela

<sup>15</sup> PLATÃO, *Eutifron*, 14b.

<sup>16</sup> Cf. E. DES PLACES, *La religion Grecque. Dieux, cultes, rites et sentiment religieux dans la Grèce antique*, Paris 1969, 371.

<sup>17</sup> Cf. W. FOERSTER, *Σέβωμαί*, in GLNT, XI, 1459-1460.

<sup>18</sup> Cf. D. KAUFMANN-BÜHLER, *Eusebeia*, RAC VI, 986; 1013.

<sup>19</sup> Cf. XENOFONTES, *Mem.* 4,6,4; PLATÃO, *Leg.* 4,717; ÉLIO ARISTIDES, *De arte rhetorica*, I,12,5,8.

<sup>20</sup> Cf. W. FOERSTER, *Σέβωμαί*, 1465.

<sup>21</sup> Poderíamos arriscar traduzir assim: «a religiosidade é a ciência do culto (ou serviço) dos deuses», CRÍSIPO, *Fragmentos*, 264 (A. VON ARNIM, *Stoicorum Veterum Fragmenta*, Vol. III,64).

<sup>22</sup> Cf. CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* II, 45,7; II,80,5; D. KAUFMANN – BÜHLER, *Eusebeia*, RAC VI, 1025.

<sup>23</sup> Cf. AGOSTINHO, *De Trinitate*, XIV,1,1. Lactâncio define a *pietas* como “conhecimento de Deus” (*pietas est notio Dei*). Cf. C. GROSSMANN, *pietas est dei notio. Eine Untersuchung zu Lact. inst. V 14, 11f.* in *Mittellateinisches Jahrbuch: internationale Zeitschrift für Mediävistik*, 39 (2004) 171-182.

<sup>24</sup> CLEMENTE ALEXANDRINO, *Strom.* XI,67,1.

<sup>25</sup> EPÍTETO, *Enchiridion*, 31,4.

um sentimento de temor reverencial diante de alguém superior e benevolente para com os humanos.

Para o homem grego, portanto, o temor reverencial diante do mundo superior, puro e divino suscita a εὐσέβεια entendida não já como uma obrigação incondicional, mas como virtude (ἀρετή) entre outras<sup>26</sup>. Na verdade, enquanto “serviço devido à divindade” e cumprimento dos deveres para com os parentes, a εὐσέβεια andava, como já adiantámos, associada à justiça, na medida em que «il faut donner aux dieux leur dû»<sup>27</sup>. Esta justiça perante os deuses impunha não apenas um conjunto de ações rituais ou cultuais, mas também um estado de alma e obrigações morais condizentes.

Mesmo assim, os autores neotestamentários mostram uma notória reserva em relação a esta categoria mental tipicamente grega. Efetivamente, o substantivo εὐσέβεια nunca é usado para qualificar a atitude de fé dos cristãos. Paulo, contudo, emprega o verbo da mesma raiz para se referir à religiosidade dos atenienses que «adoram um Deus desconhecido» (Act 17,23). E o Centurião Cornélio é apresentado nos Actos dos Apóstolos como homem “pio e temente a Deus” (εὐσεβῆς καὶ φοβούμενος τὸν θεὸν, 10,2), porque «dava esmolas e orava continuamente a Deus».

Nas Cartas pastorais a εὐσέβεια aparece recorrentemente, mas para exprimir algo de novo em relação à tradição grega. A piedade cristã tem a ver, de fato, sobretudo com um determinado tipo de conduta que não se refere já a práticas cultuais ou observâncias legais, mas remete para a honra e serviço a Deus, autor de toda a criação e redentor de todo o género humano, honra que brota da fé (πίστις) e se efetiva na vida quotidiana, mais que no culto.

O autor da *Primeira Carta a Timóteo* continua a apelar ao tradicional dever da piedade *erga parentes*, quando lembra que os filhos devem «cumprir seus deveres de piedade (εὐσεβεῖν) para com a própria família e seus pais» (5,4). De fato, a piedade cristã tenderá a estar menos conotada com lugares e atos de culto e mais com a vida quotidiana e modos de estar na mesma vida em coerência com a fé.

### *Pius-Pietas*

Também na cultura romana a *pietas* era um dos pilares dos *mores maiorum*, na medida em que apela ao respeito das origens e dos antepassados e à veneração dos deuses<sup>28</sup>; um respeito que se alarga à pátria e seus *patres*.

<sup>26</sup> Cf. W. FOERSTER, *Σέβομαι*, 1468.

<sup>27</sup> Cf. A.-J. FESTUGIÈRE, *L'Idéal religieux des grecs et l'Évangile*, Paris 1981, 21.

<sup>28</sup> *Pietas* era, em Roma, o nome de uma deusa que personificava o sentimento devido aos deuses e parentes. Quando, no ano 22 d.C., Lúvia, esposa de Augusto e mãe de Tibério, se viu ameaçada por

No seu significado religioso arcaico, *pius* apontava para uma “situação favorável” e “pura” face ao sagrado. Uma ação ou pessoa “pia” é aquela que foi levada a cabo ou se comporta de acordo com a vontade dos deuses. Daí que a *pietas* ande diretamente associada à *felicitas*, como resultado mais natural do agir “piedoso”.

Na semântica latina mais antiga *pius* estava ainda associado ao puro, e aplicava-se tanto a pessoas como a coisas<sup>29</sup>. Quando relativo a objetos, refere-se sobretudo às coisas destinadas ao uso cultural, onde o carácter de “pio” se confunde com o que é *puro* e em condições de agradar aos deuses<sup>30</sup>. Alguns antigos, para definir *pium* recorrem, por isso, ao adjetivo *castus*, isto é, ritualmente puro<sup>31</sup>.

Mas *pius* aparece também frequentemente acompanhado do adjetivo *fas*, na medida em que designa a “ordem das coisas”. Algo de piedoso é, pois, incompatível com alguma coisa *nefas*(ta)<sup>32</sup>.

Sabemos que tanto os gregos como os romanos associavam a benevolência e protecção dos deuses à  $\epsilon\nu\sigma\acute{\epsilon}\beta\epsilon\iota\alpha$ -*pietas* do *populus*<sup>33</sup>. Essa *pietas* fonte de vitórias e da *salus populi* era definida por uma série de gestos de respeito e veneração dos deuses que garantia a *deorum indulgentia*. Por isso, antes da batalha, o imperador realiza um conjunto de rituais para garantir os auspícios divinos.

A *Pietas* constituía, assim, uma das virtudes mestras e distintivas da cultura romana<sup>34</sup>. Quanto a *pietas* era importante na *forma mentis* romana exprime-o bem a expressão de Séneca: «*nulla vis maior pietate vera est*»<sup>35</sup>. Não é por acaso que Cícero, como Séneca, junta o adjetivo “*vera*” à *pietas*. Está, de fato, convicto de que esta é uma das provas da superioridade da “sabedoria” romana: «É pela nossa piedade e religião, essa única sabedoria que nos mostra que tudo é governado pelo poder dos deuses, que nós triunfámos sobre todos os povos»<sup>36</sup>.

doença grave, Tibério recorreu à intercessão da deusa *Pietas*. Em memória deste episódio, o Senado mandou construir um altar à *pietas Augusta*. No período imperial é frequente a representação da *Pietas* nas moedas, como expressão e propaganda das virtudes do imperador reinante.

<sup>29</sup> TITO LÍVIO, I, 32,12: «Puro pioque duelo quaerendas...».

<sup>30</sup> Cf. VIRGÍLIO, *Eneida*, V,743-45; IV, 637.

<sup>31</sup> SERVIUS, *Ad Buc.* VIII,82: «Quid enim est piium nisi castum?».

<sup>32</sup> Cf. OVÍDIO, *Met.* I,392; TITO LÍVIO, II, 38,4. Por isso, *impiium* pode ser sinónimo de *nefas*: cf. SÉNECA, *Medea*, 259-261: «...cum dolo captae tuo piaie sorores impiium auderent nefas».

<sup>33</sup> PLÍNIO JOVEM, *Panegyricus*, LXXIV,5: «Civitas religionibus dedita, semperque deorum indulgentiam pie merita».

<sup>34</sup> Cf. MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Estudos de história da cultura clássica*, II: Cultura Romana, Lisboa 1989, 328-332.

<sup>35</sup> SÉNECA, *Thyestes*, 549.

<sup>36</sup> CÍCERO, *De haruspicum responsis*, 19: «Pietate ac religione atque hac una sapientia, quod deorum immortalium numine omnia regi gubernarique perspeximus, omnes gentes nationesque superavimus».

Por isso, os intelectuais não compreendiam como podia haver filósofos «que pensaram que os deuses não têm de todo qualquer influência sobre as coisas humanas. Se assim fosse – perguntam – que seria da piedade, da santidade ou da própria religião? (*quae potest esse pietas, quae sanctitas, quae religio*)»<sup>37</sup>. Cícero adverte mesmo para o risco de, caso «se se extinguisse a *pietas* para com os deuses», poder «desaparecer também a boa fé e a sociedade própria entre o género humano, e com estas, uma virtude ainda maior: a justiça»<sup>38</sup>. Segundo este mestre das letras romanas, a *pietas* é, portanto, um ato de justiça para com os deuses e um dever (*officium*) e cuidado (*cultus*) dos cidadãos dentro e fora da sua *domus*.

Na sua grande obra que educou muitas gerações, Virgílio propõe Eneias como o exemplo da *pietas* romana. «*Sum pius Aeneas!*»: Assim se apresenta o herói a sua mãe, Venus, quando se encontram em Cartago<sup>39</sup>. E, na verdade, toda a obra recomenda este herói como modelo da *pietas in parentes*<sup>40</sup>, *in patriam e in deos*<sup>41</sup>. O “pio Eneias” ficou assim conhecido não por ser um homem bom ou ter praticado obras “caridosas”, mas porque era devoto dos deuses a quem obedecia sempre, e antepunha os valores e compromissos familiares e pátrios aos interesses pessoais.

Segundo este modelo, o homem *pius* é aquele que se submete à missão histórica imposta pelos deuses. Assim sendo, a *pietas* coloca o compromisso histórico do homem em imprescindível relação com o divino ou sagrado.

Neste modo de entender as coisas ficam registadas três dimensões essenciais da *pietas*: em primeiro lugar, ela implica uma correlação com deus e com os semelhantes; por outro lado, é uma virtude sempre relativa, pois não é concebível independentemente dos seres sobre os quais se exerce (*pietas erga*); em terceiro lugar, o homem *pius* tem que praticar também as outras virtudes, nomeadamente a *fides* e a justiça. Quando o homem cumpre todos os seus deveres na família ou na cidade e no seu *officium*, realiza realmente a *iustitia* e, neste sentido, pode considerar-se *pius*<sup>42</sup>.

---

<sup>37</sup> CÍCERO, *De natura deorum*, I,3.

<sup>38</sup> CÍCERO, *De natura deorum*, I,4: «Atque haut scio, an pietate adversus deos sublata fides etiam et societas generis humani et una excellentissima virtus iustitia tollatur». Agostinho dirá que é a justiça que distingue a impiedade da piedade, cf. *Contra duas Epistolas Pelagianorum*, I,9,15.

<sup>39</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 378. Veja-se LACTÂNCIO, *Institutiones* V,10,1. Cf. N. MOSELEY, *Pius Aeneas*, in *The Classical Journal*, 20 (1925) 387-400; J. D. GARRISON, *Pietas from Vergil to Dryden*, Pennsylvania 1992, 22-32.

<sup>40</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, VI, 403. 687; IX, 294; X, 812.

<sup>41</sup> VIRGÍLIO, *Eneida*, IV,393; V, 685; VI,9; VIII,84; XII, 175. A piedade tende assim a assumir o significado mais abrangente de *humanitas*.

<sup>42</sup> Cf. *Pietas* em A. FORCELLINI, *Totius latinitatis lexicon*, III, 709.

Cientes de que os moralistas romanos apresentam a *pietas* como uma virtude que se exerce *erga deos, erga parentes* e *erga patriam*<sup>43</sup>, os estudiosos discutem sobre qual destas tinha prioridade sobre a outra (*pietas in deum* ou a *pietas in homines*)<sup>44</sup>. Não parece que esta seja, contudo, uma questão que os antigos colocassem, já que o ato de *piare*, enquanto ação e intenção de “manter uma situação religiosamente boa com...”, compreende sempre os dois âmbitos, o divino e o humano, inseparavelmente.

No que se refere à *pietas erga patriam*, uma vez que a “pátria” assume os contornos de uma espécie de pessoa moral, requer dos cidadãos sentimentos e deveres muito semelhantes aos que se pedem em relação aos parentes<sup>45</sup>. E, porque os membros do *Populus Romanus* se consideram como membros de uma mesma *domus*-família, aqueles que atentam contra a pátria (*populus*) são considerados *impius erga fratres*<sup>46</sup>.

No período imperial os *exempla* de *pietas* assumem um significado mais político. Os próprios imperadores adotam o título de *pius*<sup>47</sup> e antepõem a *pietas* à *virtus*<sup>48</sup>. Assiste-se, por outro lado, à revalorização da *pietas* descendente, isto é, aquela que se espera do imperador em relação aos seus súbditos. A assistência deferida pelos deuses aos Imperadores exprimia-se na *pietas, felicitas, virtus* e na *victoria*, que garantiam a realização na terra da ordem divina.

Assim como os deuses se mostram “piedosos” em relação aos homens, também os príncipes, seus representantes, exercem a mesma virtude sobre os súbditos. Mas fazem-no, por isso mesmo, não como condescendência, mas como afirmação máxima do poder.

Só realmente com o cristianismo a *pietas* dita *vera* assumiu o significado novo de “misericórdia” (*pietas in operibus misericordiae*), como atributo de Deus que os crentes devem imitar<sup>49</sup>.

<sup>43</sup> H. WAGENVOORT, *Pietas. Selected Studies in Roman Religion*, Leiden 1980, 8; D. KAUFMANN – BÜHLER, *Eusebeia*, RAC VI, 887.

<sup>44</sup> G. Royen vê na *pietas* religiosa a fonte da piedade nas relações humanas (*Latin pius, germanique hold*, in *Donum natalicium J. Schrijnen*, Nijmegen 1929, 613-716). Maria Helena da Rocha Pereira entende que foi a *pietas* entre os membros da família que se alargou à divindade (*Estudos de História da Cultura Clássica*, 329).

<sup>45</sup> Cf. J. SCHEID, *Religion et piété à Rome*, Paris 2001, 35-41.

<sup>46</sup> Cf. H. FUGIER, *Recherches sur l'expression du sacré dans la langue latine*, Paris 1963, 383.

<sup>47</sup> O imperador Titus Aurelius Fulvus Boionius Arrius ficou conhecido como Antonino Pio, por ter convencido o Senado romano a divinizar o seu pai adotivo, o imperador Adriano, e pela *pietas* que demonstrara para com o seu pai biológico. Tenha-se presente que a associação da *pietas* à figura do imperador já vem do tempo de Augusto que adotara a antiquíssima divindade com o mesmo nome como “*Pietas Augusta*”. Nas moedas esta divindade aparece com um menino ao colo ou em gesto cultural.

<sup>48</sup> Cf. F. HEIM, *La théologie de la victoire de Constantin a Théodose*, Paris 1992, 25.

<sup>49</sup> AGOSTINHO, *Epistola* 167,6,19; *Enarrationes in Psalmos*, 32,2,2.

## A “*vera pietas*” segundo S. Agostinho

Agostinho é filho da cultura que até aqui considerámos. Não nos surpreende, por isso, a relevância que na sua obra assume a reflexão sobre a “*pietade*” greco-romana e cristã. Ele é mesmo um dos autores cristãos que maior contributo deu para a história da receção e conversão da *pietas* e aquele que mais influenciou os posteriores na redefinição desta categoria chave na história das ideias religiosas e éticas<sup>50</sup>.

Para ilustrar o que acabámos de dizer, basta-nos retomar a autoridade de S. Tomás de Aquino que dedica toda uma *Questão* à noção de *pietas*, depois de ter tratado da *religio*, na sua *Summa*<sup>51</sup>. Rebuscando na tradição greco-romana e patrística os fundamentos de tal noção, o Doutor Angélico começa por citar um passo agostiniano da *Cidade de Deus*<sup>52</sup> que, na sua versão mais alargada, reza assim:

«A própria palavra *religio* não parece designar com precisão um culto qualquer, mas o culto devido a Deus e é por isso que os nossos traduziram com este vocábulo a palavra grega θρησκεία (cf. Tg 1,27). Todavia, como no latim corrente, tanto dos incultos como dos mais cultos, se diz que se deve ter a religião da família, da afinidade, e de todas as relações sociais<sup>53</sup>, esta palavra não evita o equívoco quando se trata do culto da deidade. De modo que não podemos dizer com segurança que a religião é apenas o culto de Deus, já que pareceria desviar o termo do seu sentido usual pelo qual se designa o respeito devido ao parentesco humano. O termo *pietas*, em grego εὐσέβεια, em sentido próprio costuma significar o ‘culto de Deus’. Todavia, designa também o cumprimento dos deveres para com os parentes. O vulgo costuma também usar esta palavra para indicar as obras de misericórdia. Penso que tal sucedeu porque Deus manda que se cumpram sobretudo estas obras e declara que lhe são agradáveis em vez ou mais que os sacrifícios. Deste modo de falar derivou que também Deus seja chamado *pious* (cf. 2 Cr 30, 9; Sir 2, 13; Jdt 7, 20). Os gregos, porém, na sua linguagem, nunca o chamam εὐσέβην, embora o vulgo use εὐσέβεια no sentido de misericórdia<sup>54</sup>. Por isso, em certas passagens da Escritura, para a distinção ser mais clara<sup>55</sup>, os escritores preferiram dizer, não εὐσέβεια que deriva de ou significa “culto bom”, mas θεοσέβειαν que significa “culto de Deus”. Contudo, em latim não podemos exprimir nem um nem outro desses termos com uma só palavra»<sup>56</sup>.

<sup>50</sup> Cf. JAMES D. GARRISON, *Pietas from Vergil to Dryden*, 12-13.

<sup>51</sup> TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologica*, I-II, q. 81 ss.

<sup>52</sup> TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologica*, I-II, q. 101.

<sup>53</sup> Cf. CÍCERO, *Pro Rosc. Am.* 24, 64.

<sup>54</sup> Cf. AGOSTINHO, *Enchiridion de fide, spe et caritate*, 1, 2.

<sup>55</sup> Por exemplo em 1 Tm 6, 6; 2 Pt 3, 11 (segundo a Vulgata).

<sup>56</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, X,1, 3: «Nam et ipsa religio quamvis distinctius non quemlibet, sed Dei cultum significare videatur (unde isto nomine interpretati sunt nostri eam, quae graece

É sem dúvida significativo que S. Tomás de Aquino cite Agostinho e especialmente este passo da *Cidade de Deus*, obra magna desse esforço de conversão da cultura antiga ao humanismo cristão. Tal conversão decorre, quase sempre, através de processos lentos e subtis como no-lo documentam o texto citado.

A atenção filológica que Agostinho presta à terminologia da “piedade” é, neste contexto, significativa e parece evidenciar a intenção de redefinir os conceitos<sup>57</sup>, eliminando ambiguidades antigas para propor significados novos. Fá-lo interpretando o imperativo comum do *cultus Deitatis debitus* (tradução latina de θεοσεβεια) à luz do vocabulário bíblico<sup>58</sup>. Uma vez que os latinos usam os termos *servitus* e *cultus*, *pietas* e *religio* para traduzir termos gregos que são diferentes conforme designam o culto devido à divindade ou o culto em sentido mais genérico, incluindo o respeito e veneração para com os humanos, no vocabulário bíblico θρησκεία e θεοσεβεια designam quase sempre o serviço exclusivo de Deus. O termo “religio”, em contrapartida, tanto pode aplicar-se em relação aos homens como aos deuses. Igual ambiguidade conserva o termo “pietas” que está longe de traduzir fielmente o grego θεοσεβεια<sup>59</sup>.

---

θρησκεία dicitur: tamen quia latina loquendi consuetudine, non imperitorum, verum etiam doctissimorum, et cognationibus humanis atque affinitatibus et quibusque necessitudinibus dicitur exhibenda religio, non eo vocabulo vitatur ambiguum, cum de cultu deitatis vertitur quaestio, ut fidenter dicere valeamus religionem non esse nisi Dei cultum, quoniam videtur hoc verbum a significanda observantia propinquitatis humanae insolenter auferri. Pietas quoque proprie Dei cultus intellegi solet, quam graeci εὐσεβειαν vocant. Haec tamen et erga parentes officiose haberi dicitur. More autem vulgi hoc nomen etiam in operibus misericordiae frequentatur; quod ideo arbitror evenisse, quia haec fieri praecipue mandat Deus eaque sibi vel pro sacrificiis vel prae sacrificiis placere testatur. Ex qua loquendi consuetudine factum est, ut et Deus ipse dicatur pius; quem sane Graeci nullo suo sermonis usu εὐσεβῆν vocant, quamvis εὐσεβειαν pro misericordia illorum etiam vulgus usurpet. Unde in quibusdam Scripturarum locis, ut distinctio certior appareret, non εὐσεβειαν, quod ex bono cultu, sed θεοσεβειαν, quod ex Dei cultu compositum resonat, dicere maluerunt. Utrumlibet autem horum nos uno verbo enuntiare non possumus.

<sup>57</sup> Idêntico esclarecimento filológico se repete noutros lugares: cf. *Enarrationes in Psalmos*, 135, 8; *De spiritu et littera*, 11,18; *De Trinitate*, XIV,1,1.

<sup>58</sup> Na versão grega do Antigo Testamento a palavra εὐσεβεια não é muito comum. Mas ocorre, em Is. 11,2, para designar o *temor do Senhor*; e em Pr 1, 7, onde se afirma que «o temor (εὐσεβεια) do Senhor é o princípio da sabedoria». No *IV Livro dos Macabeus*, redigido no século I d. C., o tema forte é precisamente a “piedade”. Aqui, a εὐσεβεια tem a ver com a observância e obediência à Lei e domínio das paixões (cf. *IV Mac.* 7, 18-22). O homem pio é aquele que se deixa instruir pela Lei que «nos instrui na piedade (εὐσεβεια) para podermos adorar o único Deus vivo» (*IV Mac.* 5:24). Mantém-se pois, a conceção básica da εὐσεβεια relativa sobretudo a Deus.

<sup>59</sup> AGOSTINHO, *De civitate dei* X, 1,3: «Quae itaque λατρεία graece nuncupatur et latine interpretatur *servitus*, sed ea qua colimus Deum; vel quae θρησκεία graece, latine autem *religio* dicitur, sed ea quae nobis est erga Deum; vel quam illi θεοσεβεια, nos vero non uno verbo exprimere sed Dei cultum possumus appellare: hanc ei tantum Deo deberi dicimus qui verus est Deus facitque suos cultores deos». Cf. *Ibid.* V,15.

Para Agostinho a *pietas* cristã coincide, portanto, em grande parte com a θεοσέβεια, na medida em que esta exprime o culto devido a Deus (*Dei cultum possumus appellare*<sup>60</sup>).

Mas esse culto tem que ser “verdadeiro” para proporcionar a *felicitas* que todos buscam e que gregos e romanos faziam depender da *pietas*. Se a *impietas* punha em causa a *pax deorum*, a *pietas* garantia a benevolência dos deuses<sup>61</sup>. Agostinho continua a aceitar que, de fato, a *felicitas* depende da *pietas*; não, porém, a felicidade presente e temporal, como pensam os pagãos, mas a bem-aventurança futura e eterna.

Por outro lado, a “verdadeira piedade” consiste no culto veraz do verdadeiro Deus («*pietas est enim verax Dei cultus*»<sup>62</sup>). A “verdade” desse culto ou piedade tem a ver com o fato de esta não depender de ritos ou gestos e lugares exteriores, mas ter mais a ver com o interior («*pietas intus est in anima vel in spiritu*»)<sup>63</sup> e por se exprimir em “confessar os louvores de Deus”<sup>64</sup>, adorando-o, porém, como fonte da própria *pietas* (*Pater pietatis*)<sup>65</sup>. Entendida assim, como “verdadeiro culto”, a *pietas* é identificada com a *sapientia*: «*ecce pietas est sapientia*»<sup>66</sup>.

Tal correspondência parecia legitimada, em boa parte, pelo versículo 28,28 do *Livro de Job*, que Agostinho cita e comenta frequentemente em sua obra<sup>67</sup>, e onde se diz, na versão grega *Septuaginta*: ἡ θεοσέβεια ἐστὶν σοφία (LXX) e que a versão latina usada por Agostinho traduzia: *Hominis sapientia pietas est*.

<sup>60</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, I,1,2.

<sup>61</sup> Cf. J. SCHEID, *Religion et piété à Rome*, Paris 2001, 47.

<sup>62</sup> AGOSTINHO, *Epistola* 99,3; 155,1,2: «Sed apud eos vera pietas, id est verax veri Dei cultus»; *De civitate Dei*, IV,23,2: «Pietas est enim verax veri Dei cultus, non cultus falsorum tot deorum, quot daemoniorum. Sed et postea iam in deorum numerum felicitate suscepta magna bellorum civilium infelicitas subsequuta est».

<sup>63</sup> AGOSTINHO, *De natura et origine animae*, I,18,19. Cf. *Ibid.* III,9,12.

<sup>64</sup> AGOSTINHO, *Confessiones*, V,5,8. *De spiritu et littera*, 13,22: «Ipsa est illa sapientia, quae pietas vocatur, qua colitur pater luminum, a quo est omne datum optimum et omne donum perfectum».

<sup>65</sup> AGOSTINHO, *Confessiones*, XIII,24,36. Cf. *In Iohannis Evangelium tractatus*, 39,8: «intellegite quia si pia est anima, est pietas apud Deum, cuius fit particeps anima».

<sup>66</sup> Cf. AGOSTINHO, *Confessiones*, V,5,8; VIII,1,2; *De Trinitate*, XII,14; *Sermo* 299/D, 2; *De sancta virginitate* 42, 43: «dixit enim homini ipsa sapientia: ecce pietas est sapientia».

<sup>67</sup> Repetindo ou pressupondo quase sempre a mesma ideia assim resumida: «Hominis autem sapientia pietas est. Habes hoc in libro sancti Iob. Nam ibi legitur quod ipsa Sapientia dixerit homini: *Ecce pietas est sapientia* (Jb 28,28). Si autem quaeras quam dixerit eo loco pietatem, distinctius in Graeco reperies θεοσέβειαν, qui est Dei cultus. Dicitur enim Graece pietas et aliter, id est εὐσέβεια quo nomine significatur bonus cultus, quamvis et hoc praecipue referatur ad colendum Deum. Sed nihil est commodius illo nomine, quo evidenter Dei cultus expressus est, cum quid esset hominis sapientia diceretur» (AGOSTINHO, *Enchiridion de fide, spe et caritate*, I,2). Texto retomado à letra nas *Confessiones*, V,5,8 ; VIII,1,2; *Epistola* 140,18; 167,3,11; *De sancta virginitate*, 42,43; *De spiritu et littera*, 11,18. 19; *Contra Iulianum*, III, 21,48.

O ponto de referência é realmente, como assume o hiponense, «este passo em que Job identifica a *pietas* com o culto de Deus que em grego se diz θεοσέβεια. É esta a palavra que se encontra nos códices gregos nesta passagem»<sup>68</sup>.

João crisóstomo, contemporâneo de Agostinho, comenta assim o referido passo do livro de Job:

«Nada há de mais poderoso que esta sabedoria. O temor do Senhor é o começo da sabedoria e todos os que a põem em prática possuem uma boa inteligência (Pr 1,7). Este é o maior de todos os bens. A sabedoria suprema consiste em adorar a Deus, e não em insistir no inútil esforço de proferir opiniões ou até pedir contas a Deus pelos acontecimentos. Não pensem que ireis descobrir outra sabedoria»<sup>69</sup>.

A partir desse comum fundamento escriturístico, também Agostinho, como o “Boca de Ouro”, pode concluir que piedade e sabedoria se correspondem (*ecce pietas est sapientia*), explicando-nos «que com o termo *sapientia* entendemos, não sem fundamento, o conhecimento e desejo amoroso de Deus»<sup>70</sup>. O homem sábio é também pio, enquanto o estulto é ao mesmo tempo ímpio: «stultos nunc impios accipiendum, ut e contrario sapientia hominis pietas sit»<sup>71</sup>. É por isso que se pode concluir que «quando a fé assenta na piedade, também a inteligência colherá o seu fruto»<sup>72</sup>.

No livro XIV do *De Trinitate* Agostinho retoma esta ideia para a desenvolver nos seguintes termos: «vamos agora falar da sabedoria (*sapientia*), não da Sabedoria de Deus que, sem dúvida, é Deus que é chamada seu Filho unigênito. Mas falaremos da sabedoria do homem, da verdadeira sabedoria que é segundo Deus e que é o verdadeiro e principal culto a Ele prestado, que os gregos designam com a palavra θεοσέβεια. Os latinos traduziram este termo... por *pietas*, embora a *pietas* seja chamada pelos gregos mais habitualmente εὐσέβεια. Mas uma vez que θεοσέβεια não pode traduzir-se com

<sup>68</sup> AGOSTINHO, *De Trinitate*, XII, 14,22. Na versão grega (LXX) lê-se *theosebeia / eusebeia*, que a Vetus Latina traduziu por *pietas / cultus*. A Vulgata introduziu a expressão “timor Domini”, considerada por S. Jerónimo mais fiel ao original hebraico.

<sup>69</sup> JOÃO CRISÓSTOMO, *Comentário ao livro de Job*, 28,28.

<sup>70</sup> AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 135, 8: «Dixit autem homini: ecce pietas est sapientia, abstinere autem a malo scientia est: non incongruenter intellegimus sapientiam in cognitione et dilectione eius quod semper est, atque incommutabiliter manet, quod Deus est. Nam et quod ait: ecce pietas est sapientia, θεοσέβεια udicta est in graeco; quod ut totum latine exprimat, dei cultus dici potest». Cf. *De Trinitate*, XII,14.

<sup>71</sup> AGOSTINHO, *Adnotationes in Iob*, 5.

<sup>72</sup> AGOSTINHO, *In Iohannis Evangelium tractatus*, 8,6: «sit primo pietas in credente, et erit fructus in intellegente».

uma só palavra, é melhor traduzir com duas palavras e dizer de preferência *dei cultus*»<sup>73</sup>.

Desta sabedoria fala, segundo a insistente exegese agostiniana, o livro de Job, «onde se lê que a Sabedoria de Deus disse ao homem: *eis que a piedade é sabedoria, e abster-se do mal é ciência*» (Jb 28,28)<sup>74</sup>. Lemos a mesma argumentação numa série de outros lugares da obra agostiniana em que o elemento fundante permanece o referido versículos de Job 28,28<sup>75</sup>. E não é apenas nos tratados teológicos, mas também quando prega ao seu povo Agostinho mantém a sua argumentação:

«Et ecce, quoniam dixit homini ipsa sapientia, ecce pietas est sapientia; ad sapientiam uero homini pertinet colere Deum, quia hoc est pietas, data sunt nobis duo praecepta: diliges dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et ex tota anima tua, et ex tota mente tua. Alterum: diliges proximum tuum tanquam te ipsum. Et ille, qui hoc audiuit, ait: et quis est mihi proximus?»<sup>76</sup>.

Sabemos que o *Livro de Job* é uma profunda reflexão sobre a sabedoria, isto é, acerca do lugar e atitude do homem face a Deus e às realidades do mundo. Não admira pois, que na tradição cristã Job apareça como o novo protótipo ou modelo da verdadeira piedade<sup>77</sup>.

Segundo esta sabedoria bíblica, a piedade consiste no culto verdadeiro ou na reta relação com Deus, que implica também uma correlativa relação com as criaturas. Tal “culto” exerce-se observando o duplo mandamento da caridade. A partir daqui os teólogos cristãos, e mormente Agostinho, operaram a grande passagem da *pietas* pagã para a piedade e sabedoria cristãs.

<sup>73</sup> AGOSTINHO, *De Trinitate*, XIV,1,1: 1. «Nunc de sapientia nobis est disserendum: non de illa Dei, quae procul dubio Deus est; nam sapientia Dei Filius eius unigenitus dicitur: sed loquimur de homini sapientia, vera tamen quae secundum Deum est, et verus ac praecipuus cultus eius est, quae uno nomine εὐσέβεια graece appellatur. Quod nomen nostri, sicut iam commemoravimus, volentes et ipsi uno nomine interpretari, pietatem dixerunt, cum pietas apud Graecos εὐσέβεια usitatus nuncupetur: θεοσέβεια vero quia uno verbo perfecte non potest, melius duobus interpretatur, ut dicatur potius Dei cultus».

<sup>74</sup> AGOSTINHO, *De Trinitate*, XIV,1,1.

<sup>75</sup> Veja-se nota 66. AGOSTINHO, *De spiritu et littera*, 11,18: «quae cogitatio pium facit, quia pietas est uera sapientia – pietatem dico quam graeci θεοσέβεια vocant –; ipsa quippe commendata est, cum dictum est homini, quod in libro Iob legitur: *ecce pietas est sapientia*. θεοσέβεια porro, si ad uerbi originem latine expressam interpretaretur, Dei cultus dici poterat, qui in hoc maxime constitutus est, ut anima ei non sit ingrata; unde et in ipso uerissimo et singulari sacrificio, domino Deo nostro, agere gratias admonemur».

<sup>76</sup> AGOSTINHO, *Sermo* 299D.

<sup>77</sup> Cf. LAURA CARNEVALE, *Giobbe dall' antichità al Medioevo. Testi, tradizioni, immagini*, Bari 2010, 54-113.

No seu compêndio *Sobre a fé, a esperança e a caridade*, o doutor da graça prefacia a sua reflexão com estas palavras:

«Hominis autem sapientia pietas est. Habes hoc in libro sancti Iob. Nam ibi legitur quod ipsa Sapientia dixerit homini: *Ecce pietas est sapientia* (Iob 28, 28.). Si autem quaeras quam dixerit eo loco pietatem, distinctius in Graeco reperies θεοσέβειαν, qui est Dei cultus. Dicitur enim Graece pietas et aliter, id est εὐσέβεια quo nomine significatur bonus cultus, quamvis et hoc praecipue referatur ad colendum Deum. Sed nihil est commodius illo nomine, quo evidenter Dei cultus expressus est, cum quid esset hominis sapientia diceretur»<sup>78</sup>.

Como vemos, Agostinho assume toda a semântica tradicional da θεοσέβεια-pietas, fazendo-a corresponder à *sapientia* que se manifesta na “verdadeira religião”<sup>79</sup>. Esta, enquanto culto do verdadeiro Deus, supera a superstição e é fundamento da cidade celeste: «Vera autem religio non a terrena aliqua civitate instituía est; sed plane caelestem ipsa instituit civitatem: eam vero inspirai et docet cerus Deus, dator vitae aeternae, veris cultoribus suis»<sup>80</sup>; consistindo no amor a Deus e ao próximo em Deus: «Hic est Dei cultus, haec vera religio, haec recta pietas, hace tantum Deo debita servitus»<sup>81</sup>.

A novidade da piedade cristã reside, pois, no primado da caridade, fundamento e critério de todas as virtudes: «Mas, porque a piedade começa pelo temor e é aperfeiçoada pela caridade, o povo que era constrangido pelo temor no tempo da servidão, estava carregado com muitos ritos sagrados»<sup>82</sup>.

Os ritos pagãos e judaicos que “pesavam” na *pietas* antiga, são superados pelo culto da caridade que encontra em Cristo a plenitude do “mistério da piedade” (Tm 3,16).

A piedade depois de Cristo traduz-se numa nova relação com a divindade que implica formas substancialmente novas de entender o “culto devido a Deus” e que Agostinho resume nesta pergunta retórica: «*quid autem est pietas, nisi Dei cultus? et unde ille colitur, nisi caritate?*»<sup>83</sup>. Porque a caridade só pode nascer «de

<sup>78</sup> AGOSTINHO, *Enchiridion de fide, spe et charitate*, 1,2.

<sup>79</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, X,3: «hic est Dei cultus, haec vera religio, haec recta pietas, haec tantum Deo debita servitus».

<sup>80</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, VI, IV, 1.

<sup>81</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, X, III, 2.

<sup>82</sup> AGOSTINHO, *De vera religione*, I,17,33: «Nunc vero quoniam pietas timore inchoatur, caritate perficitur; populus timore constrictus tempore servitutis in veteri Lege multis Sacramentis onerabatur». Cf. *Epistola* 177, 3,11; 4,14.

<sup>83</sup> AGOSTINHO, *Epistola* 167, 3,11: «Absit ergo ut dicamus tot ac tantos fideles et pios homines Dei non habere pietatem, quam Graeci vel εὐσέβεια vel θεοσέβειαν vocant: quid autem est pietas, nisi Dei cultus? et unde ille colitur, nisi caritate?».

um coração puro e da consciência reta e fé sincera» ela está na base da virtude da piedade<sup>84</sup>. Já na *Segunda Carta de Pedro* os cristãos são exortados a «juntar o amor dos irmãos e a caridade à piedade» (2 Pe 1,6-7).

Agostinho, fazendo das Escrituras a chave de reinterpretção da *pietas*, nunca separa realmente a piedade da caridade<sup>85</sup>: «ubi viget pietas, et feruet caritas»<sup>86</sup>. Na extensa *Carta 140* volta a citar Job 28,28 para demonstrar que a “verdadeira sabedoria” consiste no *cultus Dei*, culto este que só é verdadeiro quando é cumprido o preceito mor do amor, e, por isso, pode concluir que «a sabedoria é o próprio amor de Deus que se difunde em nós através do Espírito Santo»:

«*Dixit enim homini, sicut scriptum est, ecce pietas est sapientia* (Jb 28,28). Porro pietas cultus Dei est nec colitur ille nisi amando. Summa igitur et vera sapientia est in praecepto illo primo: *diliges dominum Deum tuum ex toto corde tuo et ex tota anima tua* (Mt 22, 37), ac per hoc sapientia est caritas Dei nec diffunditur in cordibus nostris nisi per Spiritum Sanctum, qui datus est nobis»<sup>87</sup>.

Mais uma vez, o bispo de Hipona mantém a sequência do raciocínio que lhe é sugerida pela identificação escriturística entre piedade e sabedoria. Ambas consistem e se exprimem no Amor de Deus. A fonte desse amor ou verdadeiro culto não reside, porém, no homem pio, mas na fonte da própria *pietas* que é Deus<sup>88</sup>.

Agostinho dá assim mais um passo que nos distancia da *pietas* pré-cristã, ao transferir a fonte e fundamento da *pietas* para Deus que, através do seu Espírito, nos concede a verdadeira sabedoria. O *Pater pietatis* é agora o próprio Deus e a piedade consiste em imitar o próprio Deus, acolhendo o seu amor infuso em nós, amando-O com todo o nosso ser e ao próximo como a nós mesmo<sup>89</sup>.

<sup>84</sup> AGOSTINHO, *Ibid.* Cf. C. MAYER, “*Pietas*” und “*vera pietas quae caritas est*”. *Zwei Kernfragen der Attreinanderetzung Augustins mit der heidnischen Antike*, in J. den BOEFT-J. van Oort (ed.) *Augustiniana Traiectina. Communications présentées au Colloque International d’Utrecht 13-14 novembre 1986*, Paris 1987, 119-136.

<sup>85</sup> AGOSTINHO, *Epistola*, 231,6: «*Si enim desit pietas et caritas, quid est ab illis et a ceteris mundi malis tranquillitas et quies*». Depois de ter citado 1 Tm 2,2.

<sup>86</sup> AGOSTINHO, *Sermo* 378,1.

<sup>87</sup> AGOSTINHO, *Epistola* 140, 18. 45. Igual argumentação na *Carta* 167, 3: «*Quid autem est pietas nisi Dei cultus? et unde ille colitur nisi caritate? caritas enim de corde puro et conscientia bona et fide non ficta magna et uera uirtus est, quia ipsa est et finis praecepti*».

<sup>88</sup> AGOSTINHO, *In Iohannis Evangelium tractatus*, 39,7-8: «*Pius homo plus est, an pietas? Sed plus est ipsa pietas: pius enim a pietate, non pietas a pio. Potest enim esse pietas, etsi ille qui pius erat, factus est impius. Ipse perdidit pietatem, pietati nihil abstulit... Hac data similitudine, fratres, intellegite quia si pia est anima, est pietas apud Deum, cuius fit particeps anima*». Cf. *De dono perseverantiae*, 13,33.

<sup>89</sup> Cf. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, XIX, 13.

A nota distintiva da “piedade” cristã acaba pois, por ser a sua identificação com Cristo. É a esta que se refere a *Primeira Carta a Timóteo* (3,16), quando fala do “mistério da piedade” (μέγα ἐστὶν τὸ τῆς εὐσεβείας μυστήριον) que se manifestou em Jesus Cristo. A *eusébeia* do Novo Testamento equivale assim, como bem explicou Agostinho, à “verdadeira religião” que nos foi comunicada por Jesus Cristo (2 Pe 1,3; 1 Tm 6,3; Tt 1,1), fonte da verdadeira sabedoria e felicidade: «*Pietas est enim verax veri Dei cultus... nam quo modo ibi esset vera felicitas, ubi vera non erat pietas?*»<sup>90</sup>. A partir de então, os crentes puderam reassumir a *eusébeia* como adjectivante do modo “cristão” de viver (cf. 1 Tm 2,2; 6,11, 2,2). A fé em Cristo é que motiva os discípulos de Cristo a serem pios e a conduzirem uma vida na perspectiva da eternidade (cf. 2 Pe 3,11).

É neste contexto que se insere o convite feito a Timóteo e a todos os cristãos, independentemente do estado ou etapa da vida em que se encontram: «*Exercita-te na piedade (γύμναζε δε σεαυτὸν πρὸς εὐσέβειαν), porque a piedade é útil para tudo, pois tem a promessa da vida presente e da vida futura*» (1 Tm 4,7-8)<sup>91</sup>.

Esta é outra grande diferença, pelo menos segundo Agostinho, entre a *pietas vera* e a *pietas* pagã. Enquanto esta última busca o reconhecimento e recompensa (*felicitas*) terrena, a primeira vive na certeza da promessa, mas espera a recompensa apenas na vida futura<sup>92</sup>.

<sup>90</sup> AGOSTINHO, *De civitate Dei*, IV,23,2.

<sup>91</sup> Cf. AGOSTINHO, *De mendatio*, 19,40: «*Omnis in hac uita pietas exercitatio est, qua in illam tenditur...*». É significativo que esta passagem da *Primeira Carta a Timóteo* 4,7-8, (juntamente com o versículo 3,16 da mesma Carta), foram provavelmente os passos que maior atenção mereceram cada vez que os comentadores cristãos tiveram, ao longo dos séculos, de exortar à *piedade* cristã. Cf. JAMES D. GARRISON, *Pietas from Vergil to Dryden*, Pennsylvania, 1992, 32; 38-39.

<sup>92</sup> Cf. AGOSTINHO, *De civitate Dei*, V,15: «*Quibus ergo non erat daturus Deus vitam aeternam cum sanctis Angelis suis in sua civitate caelesti, ad cuius societatem pietas vera perducit, quae non exhibet servitutem religionis, quam latre...a Graeci vocant, nisi uni vero Deo, si neque hanc eis terrenam gloriam excellentissimi imperii concederet: non redderetur merces bonis artibus eorum, id est virtutibus, quibus ad tantam gloriam pervenire nitebantur. De talibus enim, qui propter hoc boni aliquid facere videntur, ut glorificentur ab hominibus, etiam Dominus ait: Amen dico vobis, perceperunt mercedem suam. Sic et isti privatas res suas pro re communi, hoc est re publica, et pro eius aerario contempserunt, avaritiae resisterunt, consuluerunt patriae consilio libero, neque delicto secundum suas leges neque libidini obnoxii; his omnibus artibus tamquam vera via nisi sunt ad honores, imperium, gloriam; honorati sunt in omnibus fere gentibus, imperii sui leges imposuerunt multis gentibus, hodieque litteris et historia gloriosi sunt paene in omnibus gentibus: non est quod de summi et veri Dei iustitia conquerantur; perceperunt mercedem suam». Cf. *Ibid.* XX,3. *Epistola* 55,2,5: «*Hic constantissima pietas, ibi sempiterna felicitas*»; *Epistola* 155, 17: «*Pietas igitur, id est verus veri Dei cultus ad omnia prodest; et quae molestias huius vitae avertat aut leniat, et quae ad illam vitam salutemque perducatur, ubi nec aliquid iam mali patiamur, et bona summo sempiternoque fruamur*».*

Cientes de que o assunto nos poderia levar muito mais longe, encerramos mais uma vez com Agostinho, lembrando que o que distingue um homem não é a morada em que vive ou os títulos que lhe dão, mas o *nome* que porta consigo e o que habita em sua morada. Por isso há que «distinguir entre morada e morada. Porque há moradas em que mora apenas a aparência de piedade, mas há também moradas que parecem pias e onde mora realmente a piedade. Devemos distinguir e não confundi-las... Distinguiremos quando nos tornarmos homens espirituais por meio da caridade. Então, não julgaremos temerariamente e os maus não servirão de desculpa para não sermos bons»<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> AGOSTINHO, *Enarrationes in Psalmos*, 47,14.